

Marina Solon

“NOSSO PAPEL É NÃO LIDAR SÓ COM UM FATO ISOLADO”

Jornalista e pesquisadora analisa o olhar da mídia e da sociedade para as agressões cometidas pelo DJ Ivis e reflete sobre o acolhimento às mulheres vítimas de violência

MIRLA NOBRE

ESPECIAL PARA O POVO
mirla.nobre@opovo.com.br

Violência doméstica no Ceará

A violência contra mulher não escolhe idade, classe social, raça ou escolaridade. No último domingo, 11, o Brasil foi impactado com cenas fortes de agressão de Iverson de Sousa Araújo, conhecido no cenário musical como DJ Ivis, à ex-esposa, a arquiteta Pamella Holanda. São vídeos compartilhados por Pamella no Instagram, em forma denúncia, em que ela aparece recebendo chutes, socos e puxões de cabelo pelo cantor. O caso ressalta, mais uma vez, a importância do debate de forma ampla sobre a violência doméstica.

Em entrevista ao **O POVO**, a pesquisadora, mestre e doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC), Marina Solon, analisa a violência contra mulher, a atuação da mídia e qual o papel da sociedade. Marina é jornalista e pesquisa desigualdade de gênero, mídia, movimentos feministas e combate à violência doméstica.

O POVO - A sua pesquisa é centrada em mídia, política, cultura, história e gênero, com áreas de interesse em redes sociais, movimentos feministas e combate à violência doméstica. Por que você passou a estudar o assunto e como foi construída a sua relação com o tema?

Marina Solon - Eu passei a estudar o tema por uma demanda que eu vi do próprio feminismo. O Brasil ainda tem números altos e muito alarmantes sobre a questão da violência contra a mulher. Então, foi uma olhar de pesquisa que eu lancei por entender que essa demanda existe e que, mais recentemente, os ativistas digitais, as feministas e os movimentos de forma mais ampla têm se valido desse contexto das redes sociais para fazer uma movimentação da sociedade

No Ceará, de janeiro a junho de 2021, 8.960 casos de violência doméstica foram registrados por meio da Lei Maria da Penha. Em comparação ao mesmo período do ano passado, são 366 casos a mais neste ano. Em 2020, o Estado registrou 8.594 casos. (Fonte: Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social do Ceará, SSPDS)

Referências

Para se aprofundar no assunto, Marina indica a Flávia Biroli, professora de Ciência Política, da Universidade de Brasília, a filósofa, escritora e professora italiana Silvia Federici, com o livro “Mulheres e Caça às Bruxas” e a pesquisadora Heleieth Safiotti, com o livro “Gênero, Patriarcado e Violência”.

FABIO LIMA





civil, de entendimento do tema e de mobilização em torno dessa causa. A minha construção com o tema vem muito de estar no lugar de ver, de ouvir, de saber, de sempre ter contato com mulheres que estiveram nessa situação. Na minha família houve casos de violência doméstica, então sempre foi uma situação que eu vi um tanto de perto. O problema que é conhecido por todo mundo, mas que era um tabu para se falar. Por meio da pesquisa, é possível acessar esse contexto, talvez dar uma abordagem que não fosse de tabu para essa situação, e entender como a sociedade civil se articula e pode-se colocar como auxílio do estado nesse assunto.

OP - O Brasil teve uma denúncia de violência contra a mulher a cada cinco minutos, em 2020. Isso sem falar que os números oficiais sequer refletem a realidade devido às subnotificações. Como é trabalhar e estudar sobre gênero e quais as perspectivas para que o cenário de violência mude?

Marina - É muito dolorido pesquisar sobre gênero sendo mulher e entendo essa situação. Você nunca consegue se desvencilhar desse contexto. É de você ver uma dor que, não seja exatamente minha porque eu nunca fui vítima de violência doméstica, mas de ver que é um contexto que também implica sobre mim. Nenhuma mulher está livre de viver essa circunstância, não é um problema individual e, sim, um problema estrutural, que pode atingir qualquer uma de nós. E, por isso, acho que se torna mais urgente, justamente por entender esse contexto todo de aumento de violência. É um olhar que a gente sempre precisa estar atento para ver e para saber como nós podemos reestruturar toda essa estrutura que coloca as mulheres em situação de violência e de vulnerabilidade perante aos homens.

OP - As imagens da agressão do DJ Ivis contra a ex-esposa, Pamella Holanda, expõem o contexto de violência doméstica ao qual muitas mulheres estão submetidas no Brasil. Por que a sociedade ainda julga nas redes sociais a vítima que denuncia a violência no lugar de prestar apoio?

Marina - As redes sociais não são dissociadas da sociedade em geral. A gente está conectado o tempo inteiro e as redes acabam reproduzindo os comportamentos que são das pessoas, ou seja, que são naturalmente delas. Essa problemática da violência doméstica tem raiz na construção da desigualdade de gênero. A sociedade naturalmente se volta com teor de dúvida sobre a mulher. Na sociedade patriarcal, que tem nesse centro a figura masculina, onde o homem que é forte, o homem é imbatível, o homem que tem mais cartas brancas para errar e ser aceito, enquanto a mulher está sempre nesse lugar de desconfiança e nem sempre é colocada no benefício da dúvida de uma forma positiva como se dá ao homem. A violência doméstica, infelizmente, é um crime muito estigmatizado. Tem sempre essa figura do agressor, que ele fez algo, mas pode ter sido só um momento pontual, onde ele teve raiva maior e a mulher fica sempre nesse lugar do “o que foi que ela fez para estar nessa situação?” ou “será que não foi uma provocação?”. A sociedade acaba se colocando nesse lugar de julgar o estereótipo e dar esse olhar curioso, mas que também reflete esse pensamento que é muito patriarcal e machista.

OP - Após as imagens serem compartilhadas, o agressor teve aumento significativo de seguidores no Instagram: de 720 mil quase bateu a marca de um milhão. Como pesquisadora de mídia e gênero, qual é a sua avaliação em relação a esse movimento?

Marina - As redes sociais não são dissociadas do comportamento social. Se a sociedade é patriarcal e se ela tem um olhar machista, tudo vai se reproduzir no comportamento das redes. O aumento dos seguidores do DJ Ivis se justifica muito por esse olhar de dar para o homem, nesse estigma do crime de violência doméstica, talvez o benefício da dúvida no primeiro

momento. Muita gente justificou dizendo que foi porque ele restringiu os comentários para só os seguidores deles poderem comentar, e as pessoas que queriam comentar acabaram seguindo-o e por isso o aumento. Isso pode ter ocorrido, mas também tem esse olhar da construção de gênero que é tão desigual. Que dá ao homem esse benefício da dúvida enquanto a mulher que é vítima se desfaz dessa balança, pois a mulher é colocada como vítima, mas talvez apontam como se ela tivesse provocado. A mulher parece que sempre está nessa situação de vulnerabilidade e de maior fragilidade. Nesse caso, é importante também notar que, ao mesmo tempo em que os números do DJ Ivis subiram, mas que já vem ocorrendo uma queda, o número de seguidores da Pamella aumentou muito também, muito mais do que o dele. Mas, no primeiro momento a gente só olha para ele, justamente por conta desse olhar patriarcal.

OP - As redes sociais potencializam a violência de gênero?

Marina - Eu acho que elas dão palco e dão um holofote. A violência doméstica é um crime, que se entende no contexto privado, apesar de ele ser muito público. Quando uma mulher sofre violência doméstica, isso diz respeito a todas nós. Se a violência de gênero tem raiz na construção desigual de gênero, qualquer mulher pode ser vítima de violência doméstica. As redes sociais vão refletir tudo isso, vão mostrar todas essas questões e eu acho que, quando elas deixam esse espaço para os homens falarem, para que eles digam suas versões, pode ser que tenha um aumento da violência de gênero. O próprio Instagram não tem nenhuma ferramenta que organicamente barre as pessoas que fizeram isso. As redes precisam melhorar muito esse funcionamento, pois elas ainda são um lugar onde não há nenhuma regulação desses casos. Qualquer pessoa pode postar qualquer conteúdo. No caso do DJ Ivis, a partir do momento em que ele fala e dá a roupagem que ele quer, isso naturalmente pode dar a ele um apoio ou que as pessoas cheguem perto para dar a ele algum tipo de suporte. As redes sociais podem ser muito malélicas, o que elas querem é gerar engajamento, então elas não estão muito interessadas nesses valores éticos. A gente precisa pensar muito nesse contexto das redes em que elas não são territórios neutros.

OP - Como fica a imagem pública da mulher que denuncia?

Marina - É muito delicado. Enquanto vai haver uma rede de suporte, pessoas vão aparecer para apoiar, mensagens de apoio, carinho, também pode haver um movimento contrário. Pessoas podem chegar com um discurso conflitante, de retaliação, de dúvida sobre o que ela está falando e podem descredibilizar elas. Mas, eu acredito que hoje a gente está vivendo um momento de reconstrução dos debates que tem como figura central as mulheres. As redes sociais têm sido muito usadas pelos movimentos feministas, inclusive por outras mulheres para dar essa nova roupagem, de estereótipos que nós estávamos acostumadas a ver antes, como as de mulheres que ficavam caladas em certas situações. As mulheres que não querem se impor, mas, como exemplo o caso da Pamella, quando ela se impõe ela tem todo um apoio e uma imagem positiva. Ela recebeu apoio de figuras públicas muito importantes, como a do governador do Ceará, Camilo Santana, assim como a do prefeito de Fortaleza, José Sarto. Tudo isso diz que há um movimento de suporte e de apoio a esse tipo de situação, que é algo muito positivo da gente avaliar.

OP - Por outro lado, a sociedade costuma ser mais complacente com os homens que agrediram mulheres. Você acha que, apesar da repercussão, DJ Ivis poderá ser mais um que vai “retomar” a carreira?

Marina - Infelizmente, eu acredito que sim. As pessoas ainda lidam com os casos de violência doméstica como se fossem de âmbito privado. Como a gente ainda está inserida nessa sociedade de dar um

olhar muito compassivo para os homens, no qual tem a questão de talvez discutir o arrependimento dele, em um contexto em que ele pode criar um cenário em favor de si mesmo e com isso pode ser que a carreira dele possa ser retomada. Eu acredito que o fato de ela postar é um momento de recondução desse debate. Esse debate ganhou um contexto midiático muito grande e se deu um momento muito positivo em favor da vítima. Até a importância do papel da imprensa de dar espaço para que ela falasse sobre o caso. A gente espera que, dentro desse contexto de justiça ele, de fato, tenha de cumprir com as perdas. O que podemos olhar para o presente é que o debate tomou contorno de forma muito positiva para vítima, que isso é algo muito bom. Isso faz com que comecemos a repensar esses crimes e trabalhar mais para o lado das mulheres, mais para o lado de quem, de fato, é vítima.

OP - Ao longo da sua pesquisa, o que você identificou sobre a realidade das mulheres que sofrem abuso psicológico dentro de uma relação onde há violência doméstica?

Marina - As mulheres passam muito tempo nessa situação. O caso da Pamella deixou em evidência isso. Elas denunciam casos onde já havia ocorrido a violência há algum tempo. As mulheres passam um período muito longo da violência porque a situação da violência doméstica tem todo um contexto emocional, psicológico e de dependência econômica delas com os homens. A estrutura das relações pessoais da gente tem um contexto muito de dependência do outro. As mulheres que estão nessa situação, elas estão vivendo uma dependência emocional e isso tem um tempo muito árduo para que essas mulheres saiam dessa situação. As mulheres que passaram por violência doméstica destacam muito a questão da dor, de que a física passa, mas os medos ficam. A situação não acaba após a denúncia, é algo cheio de camadas emocionais que demandam cuidados, como um olhar social compassivo com elas e um olhar de acolhimento para a situação.

OP - Qual deveria ser o papel da sociedade perante os casos como o de Pamella Holanda?

Marina - De acolher no primeiro momento e de tentar compreender. Facilitar a jornada dessa mulher até o acesso à Justiça também. E depois o nosso papel é debater essas questões de forma mais ampla e não só lidar com um fato isolado, como foi o caso da Pamella, mas de saber que é um contexto muito amplo. Quando eu debato isso de forma muito mais macro, fica muito mais fácil de entender porque é um problema coletivo. Nosso papel é, justamente, dar essa visão da coletividade, de a gente compreender que, na verdade, quando a estrutura se forma nesse contexto de tirar poder das mulheres e dar poder ilimitado aos homens, qualquer uma de nós pode estar no contexto de vítima. A violência nasce daí, não é caso isolado. Quando a gente debate isso nós conseguimos entender, compreender, pensar e imaginar novas formas onde essa desigualdade de gênero não exista.

OP - Em qual ponto específico da história a violência contra a mulher começa a ser naturalizada?

Marina - É muito naturalizada pelo contexto social onde nós estamos inseridas. A sociedade é patriarcal e machista, então ela sempre vai dar essa naturalidade. A desigualdade de gênero sempre vai ter essa desigualdade no olhar. Parece que a violência sempre vai estar aqui, parece que aos homens é muito natural agir assim, pois o homem é mais agressivo, o homem é mais cabeça quente, tem todas essas construções que são dadas como naturais da biologia do homem, mas que na verdade são construções sociais. Isso, de fato, é uma construção. Não é biológico. Naturalizam o cenário do homem forte e a mulher frágil, mas na verdade a gente precisa entender que isso não é natural e sim uma construção que se faz e que ela não é boa, ela não é benéfica para essas circunstâncias porque ela gera essas situações de violência doméstica.